

“Quais são os vinte maiores cearenses?”

Resposta de Jader de Carvalho

—Em nome de Deus, declaro abertos os nossos trabalhos—murmurou o presidente com gravidade.

E, numa advertência geral:

—Concentremo-nos e oremos, para que os maus espíritos se afastem de nós e só os bons se apoderem dos aparelhos.

Em torno á mesa redonda, na larga sala em crepúsculo, eu, o amigo Candido Meireles, dois mediums de corporação e um vidente, além do poeta Cruz Filho, que presidia áquela reunião de incarnados e desincarnados.

Um dos aparelhos já se encontra sob a influencia de um irmão astral. Balucía palavras ininteligíveis. O medium esforça-se por levantar-se.

Inquieto, interroga o vidente.

—É um velho gordo, barbudo—respondeu-me. Procurou em vão armar uma rede na sala. Desiludido, aproximou-se do medium. Mas está visivelmente zangado. Não dará comunicação. Retira-se agora em direção áquêle sofá. Deitou-se. Adormeceu.

O segundo aparelho, entretanto, oferece resultados mais positivos. O transe é notório.

—Boa noite, meus amigos!

Todos, mentalmente, responderam: Boa noite!

O presidente dirigiu-se ao desincarnado:

—Seja bem vindo, irmão. Em nome de Jesús, diga quem é!

—Meu nome é Rodolfo Teofilo.

—Ah, falei para mim mesmo, não perderei esta oportunidade. Vou consultar os mortos ilustres da minha terra. Que belo ensejo para responder a enquete do Leonardo Mota! E, tomando a palavra ao presidente, fui logo perguntando ao grande romancista do FOME:

—Rodolfo, estarão presentes apenas você e o Juvenal?

—Tem graça! A sala se encheu de gente conhecida. Gente vaidosa, meu amigo! Quase todos preocupadíssimos com a elei-

ção dos “maiores”. O Tomaz Pompeu e o Julio Cesar discutem desde que chegaram. O José de Alencar—quem diria?—conta os seus votos a cada instante. Só o Juvenal é indiferente ao concurso. Sempre deitado. Sempre dormindo.

—Rodolfo, eu não falei em concurso!

—Mas pensou! Foi o bastante! Alguns de nós, ainda apegados á terra, vivem de roda em roda, insinuando e cabalando votos para os seus nomes... Querem ser dos vinte. E não admitem a possibilidade de uma derrota.

—Só acredito, Rodolfo, porque é você quem diz. Você nunca mentiu.

—Deseja certificar-se? Vou, eu mesmo, fazer a chamada dos presentes. Um após outro, eles conversarão com você, por intermédio do segundo aparelho.

E começou a chamada:

—José de Alencar!

—Que desaforo! O Djacir, o Marcos Botelho e o Dias da Rocha não sufragaram o meu nome!

—Calma, Alencar! Tenha calma! Eu voto em você...

Rodolfo continúa:

—Julio Cesar da Fonseca!

—Jader, você não sabe que o Rodolfo é um fuxiqueiro?!... Vamos, despache-me logo. Quero voltar á minha biblioteca. Abrir os meus livros. Meus livros estão virgens!

—Espere, Julio! Então você não lia?!

—Rapaz, eu era quase cego!

—Desculpe-me, ó Julio. Não voto em você.

—Rocha Lima! —chamou Teofilo.

—Aqui estou.

—Pode retirar-se. Foi sufragado.

Apresenta-se João Brigido:

—Não acredito em eleições! Já descobrí a fraude!

E, num tom de reprovação:

—O Leota perturba a paz dos mortos! Um desembargador e um barão já foram ás vias de fato. Por causa do voto do Duarte Junior. Ambos querem ser o cearense desconhecido.

—Voto em João Brigido.

Farias Brito ocupou o lugar do jornalista.

—Acho que não sou demais nesta roda. Si votar em mim, agradeço-lhe desde já, mas não me encontro aqui por causa da eleição. Vim para pedir-lhe o seguinte: Diga á maioria dos meus admiradores que eu nunca fui filosofo. Si eles me lerem, verão que apenas fiz historia e critica da filosofia.

—Atendido e votado.

A' chamada, compareceu Tomaz Pompeu de Sousa Brasil:

—Antes de mais nada, responda-me esta perguntinha, ó

Jader: E' verdade que o Moesia Rolim lhe vendia os meus livros? Confesse, que eu lhe perdoarei a parcela de culpa. A' êle eu não

lhe perdoarei jamais!

—E' um fato, caro mestre. O Moesia me vendia os seus livros. E vendia barato. Tambem você tinha tanto livro...

—Mas eu lia!—retrucou Pompeu meio colerico. Eu lia! Eu nunca fiz como o Julio Cesar!

—Acalme-se. O Moesia está prêso... Voto em você.

Notando eu a ausencia de Capistrano de Abreu e Paula Nei, Rodolfo, penalizado, esclareceu:

—O Capistrano, com a velha mania de aprender dialetos indigenas, reincarnou em Mato Grosso. E' hoje um indiosinho, um curumi de três anos. Vive á beira de um rio. Banha-se quatro vezes ao dia. O Capistrano não merecia tamanho castigo!

—E o Nei?

—Ah, meu amigo, é deploravel a sorte do grande boemio. Contra todos os principios de livre arbitrio, foi reincarnado, para castigo das suas satiras. Mora em Forialeza. Você a conhece. E' uma solteirona neurastenica, sem qualquer esperança de casamento. O diabo disfarçado em professora!

E, com duas lagrimas nos grandes olhos nevoentos:

—Pobre Nei! Pobre Nei! Homem, só teve anseios... Mulher, não tem marido!

—Sinto que vou chorar, de pena. Voto em ambos. O Nei e o Capistrano merecem.

Rodolfo Teofilo voltou a cabeça do medium em direção ao sofá. E, malicioso:

O Juvenal acordou!

Dentro de dez minutos, o velho bardo me interrogava:

Já votou em mim?

—Eu não! Porque havia de dar-lhe o meu voto? Que fez você por merecê-lo? A quadrinha do cajueiro não é sua. A da jangada tambem não. É só o que você tem de aproveitavel!

—Ah, você está com a mania do Leota!

—Não estou com a mania de ninguem! Apenas falo a verdade. Juvenal, quer saber de uma cousa?

—Diga!

—Encarregaram-me de escrever sobre Juvenal Galeno, Mistral brasileiro, contemporaneo da Gonçalves Dias... Para escrever li tudo o que êle produziu. Sabe qual foi o resultado?

—Eu ouvi a sua conferencia!

—Tive de dizer o que pensavam que êle era...

—Então, eu não sou o Beranger nacional?! Então, eu não sou o pontifice da poesia popular no Brasil?! Vamos deixar de brincadeiras!

—Eu não costumo brincar, Juvenal. Eu reivindico, neste momento, para os legitimos menestreis do sertão e da praia a gloria que lhes é roubada. Eles, sim, são os verdadeiros poetas populares. Anonimos, mas de poesia imortal.

- Em síntese: não vota em mim?
 —Em síntese: não voto em você.
 —Ah, agora que me lembro! Você é amigo do Heitor Marçal, aquele patifésinho que descobriu o meu segredo!
 —Que segredo?
 —O segredo do meu empalhamento...
 Rodolfo, meio impaciente, dirigiu-nos a palavra mansa:
 —Os animos estão se exaltando. Juvenal, vá se deitar!
 Jader, continue a eleição.
 —Certo! O chamado agora é você. Voto em Rodolfo Teofilo.
 —Oh, meu amiguinho, você me confunde. Muito obrigado. Já deixava o aparelho o bondoso ancião quando lhe ouvi a voz carinhosa:
 —Olha aqui, ó Jader:— você já se revacinou?

